

JORNALISMO E LITERATURA: INTERFACES

Luiz Henrique Barbosa

Resumo:

Este texto discute a aproximação do jornalismo à literatura. Identifica algumas experiências jornalísticas ocorridas em momentos históricos diferentes, em que isso ocorreu. Jornalistas como Tom Wolfe, Euclides da Cunha e João do Rio são citados como nomes fundamentais ao se falar da comunhão entre jornalismo e literatura.

Palavras-chave: *Jornalismo; Literatura; Novo Jornalismo; Revista Piauí.*

Abstract:

This text discusses the closeness of journalism to literature. It identifies some journalistic experiences which took place in different historical moments when this closeness occurred. Journalists such as Tom Wolfe, Euclides da Cunha and João do Rio are mentioned as central names concerning the discussion about the close association between journalism and literature.

Key- words: *Journalism; Literature; New Journalism; Piauí Magazine.*

Mestre em Literatura Brasileira pela UFMG. Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas.
Professor das Disciplinas Construção do Texto Literário, Produção do Texto Monográfico e Normalização no curso de Comunicação e Literatura Infanto- Juvenil no curso de Pedagogia da Universidade FUMEC

Cena I. Noite engalanada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Qualquer pretensão à elegância capitula diante da temperatura canicular do verão carioca. No *foyer* lotado, o último fiapo de ar está sendo sugado pelos holofotes da televisão. Damas e cavalheiros tentam circular, trocar de cumprimentos, medir carisma ou navegar no estrelato alheio. Vários estão irreconhecíveis, embrulhados em roupa de *soirée*. Um deles é o ginasta Diego Hypólito, que quatro dias mais tarde se tornará o mais jovem (20 anos) bicampeão de solo da história das Copas do Mundo. Chega esbaforido, ainda arrumando a gravata, enfiado num paletó que parece lhe cair até os joelhos (*Piauí*, n.4, 2007:9).

É dessa forma que se inicia o texto intitulado *O Pan vem aí*, publicado no quarto número da Revista *Piauí*. O leitor, acostumado àqueles inícios de textos objetivos, como é ensinado tradicionalmente nas escolas de jornalismo, levará, certamente, um grande susto. Não é preciso então obedecer à pirâmide invertida¹ para iniciar um texto jornalístico? Que estranho texto é esse que em seu início se comporta como uma câmara cinematográfica que registra detalhadamente as pessoas presentes em uma reunião festiva e que tem a grande preocupação em dar à escrita um caráter estético?

O que nos salta aos olhos nesse primeiro parágrafo é, sem dúvida, seu caráter estético. O leitor irá se preocupar menos com a informação aí contida, uma vez que ele pouco nos informa. Refere-se apenas a uma noite de gala no Teatro Municipal do Rio de Janeiro que tem o ginasta Diego Hypólito como uma das pessoas presentes e nada mais. O olhar do leitor irá perceber então outros elementos que tornam esse texto tão peculiar. Ele é montado a partir de fragmentos que irão se juntar para construir o cenário do que se pretende informar. Da noite no Teatro Municipal passa-se para o calor do Rio de Janeiro, para as filmagens da televisão, para os cumprimentos dos que estão presentes embrulhados em roupas que tornam alguns irreconhecíveis. Só a partir dessa digressão é que se dá início à descrição de uma pessoa que terá importante papel no texto: o ginasta Diego Hypólito.

Visível será também ao leitor o caráter literário que a linguagem adota. A expressão “qualquer pretensão à elegância capitula diante da temperatura canicular do verão carioca” é uma alternativa poética de dizer que o verão carioca impede que as pessoas ali naquele salão se mantenham elegantes.

Será preciso avançar no texto para podermos entender que a noite no Teatro Municipal do Rio de Janeiro refere-se ao Prêmio Brasil

Olímpico 2006, em sua oitava edição. Mas esse acontecimento não será o único assunto do texto. A cena número dois irá referir-se à final da Copa do Mundo de Ginástica, ocorrida cinco dias depois da noite no Teatro Municipal, que teve a ginasta Daiane dos Santos como vencedora.

Os eventos descritos poeticamente nas cenas um e dois do texto – O prêmio Brasil Olímpico 2006 e a final da Copa do Mundo de Ginástica – vão servir como argumento para os parágrafos finais do texto, que irão criticar o país pelo seu pouco investimento no esporte:

Quando os mais de cinco mil atletas de 42 países começarem a competir nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, a partir de julho, o Brasil terá a dimensão do quanto tem sido desperdiçado por todos os governos. Abençoado por um clima que permite a prática do esporte por 12 meses ao ano, o país não tem desculpa ao não se identificar e canalizar as aptidões físicas de milhões de jovens – à deriva ou não (REVISTA PIAUÍ, 2007, p.9).

Saímos do texto com a sensação de estarmos diante de um texto híbrido, uma mistura de texto jornalístico, de literatura e de artigo. Além de ele nos informar sobre os eventos, faz uma crítica aos governantes brasileiros usando uma linguagem que se alterna entre a objetividade referencial do jornalismo e a preocupação estética da literatura.

Essa preocupação em escrever textos jornalísticos incorporando elementos dos textos literários, tônica da Revista *Piauí*, não é exclusiva dela. Citaremos aqui dois representativos momentos da aproximação entre jornalismo e literatura: os primeiros anos do século 20 no Brasil e os anos de 1960 nos Estados Unidos.

A EXPERIÊNCIA JORNALÍSTICO-LITERÁRIA DE EUCLIDES DA CUNHA

Enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo* para cobrir o conflito de Canudos, Euclides da Cunha produz - no período de agosto a outubro de 1897 - uma série de reportagens² que mais tarde será utilizada para compor sua obra *Os Sertões*. Assim como em *Os Sertões*, as reportagens de Euclides da Cunha irão percorrer os caminhos do jornalismo e da literatura. A cobertura da *Guerra de Canudos* permitirá ao jornalista fazer o registro do real de uma forma bem pessoal e entender as razões do conflito.

O desejo de compreender o ocorrido nas suas fundamentações ecológicas, antropológicas, econômicas, religiosas, sociais permite que do núcleo da correspondência jornalística se desenvolva, com a motivação positivista do *post hoc propter hoc*, mas com a inteligência lógica do cientista, com a paixão de quem sente enquanto compreende (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p.399).

O caráter cientificista das reportagens de Euclides da Cunha, comprovado pelas detalhadas descrições e pelo uso de termos técnicos, não impede que o autor adote uma linguagem poética. É o que podemos observar no trecho:

Na rápida travessia que acabo de fazer avaliei bem as dificuldades da luta em tal meio.

A cada passo uma cactácea, de que há numerosas espécies, além dos mandacarus de aspecto imponente, dos *xiquexiques* menores e de espinhos envenenados que produzem a paralisia, dos *quipás* reptantes e traiçoeiros, das *palmatórias* espalmadas, de flores rubras e acúleos finíssimos e penetrantes. Expressiva e feliz a denominação da *cabeça-de-frade* dada a uma espécie anã, cujos gomos eriçados de espinhos não destroem a forma esférica tendendo ligeiramente para a de uma elipsóide.

Parecem cabeças decepadas esparsas à margem dos caminhos. Encima-as uma única flor, de um vermelho rutilante, como uma coroa ensangüentada, aberta (CUNHA, 2000, p.136).

Cunha (2000) parte de sua própria experiência para descrever as dificuldades encontradas no meio por aqueles que lutaram na região de Queimadas. Descreve detalhadamente a vegetação de *cactus* do lugar, valendo-se de alguns termos técnicos como *esférica* e *elipsóide*. No entanto, imagens poéticas irão brotar do texto. Ao comparar os cactos-anões a cabeças decepadas e a uma coroa ensangüentada, o trecho adquire conotação melancólica e trágica, que antecipa o desfecho da guerra em questão.

Transitando em espaços limítrofes da literatura e do jornalismo, as reportagens de Euclides da Cunha descrevem minuciosamente o cenário e as pessoas envolvidas no conflito de Canudos. Fazem uma contundente crítica ao governo brasileiro. Se o governo viu no movimento dos sertanejos uma ameaça à República, Euclides o situará como um problema social decorrente do pouco expressivo papel do Nordeste nos planos político e social. Descrições da terra, do homem, do

conflito e crítica social se juntam a uma linguagem extremamente poética. Euclides oferece um novo exemplo do encontro entre o jornalismo e a literatura.

O REPÓRTER COMO FLÂNEUR EM JOÃO DO RIO

Quer vir comigo visitar esses círculos infernais?

Não sei se o delegado quis dar-me apenas a nota mundana de visitar a miséria, ou se realmente, como Virgílio, o seu desejo era guiar-me através de uns tantos círculos de pavor, que fossem outros tantos ensinamentos. Lembrei-me que Oscar Wilde também visitara as hospedarias de má fama e que Jean Lorrain se fazia passar aos olhos dos ingênuos como tendo acompanhado os grão-duques russos nas peregrinações perigosas que Goron guiava.

Era tudo quanto há de mais literário e mais batido. Nas peças francesas há 10 anos já aparece o jornalista que conduz a gente chique aos lugares macabros; em Paris os repórteres do *Journal* andam acompanhados de um apache (RIO, 1997, p. 277).

Essa citação, extraída do início da crônica *Sono Calmo*, de João do Rio, dá uma visão do percurso do autor como jornalista. Na crônica, um delegado guia o narrador, um bacharel e um adido de legação ao submundo carioca, às casas que abrigavam mendigos, ladrões, trabalhadores do porto. Comportando-se como um *flâneur*, o narrador caminha pelas ruas do Rio de Janeiro a mostrar a parte obscura da cidade, com sua miséria e degradação.

Esse recurso tão utilizado pela literatura, como mostrou o próprio João do Rio, é empregado também em suas reportagens. É o que podemos constatar em sua reportagem *No mundo dos feitiços*. Nela, Antônio é a pessoa responsável por guiar o repórter pelos terreiros de candomblés do Rio de Janeiro, dando ao leitor uma visão detalhada das práticas religiosas: “graças a Antônio conheci as casas das ruas de São Diogo, Barão de São Félix, Hospício, Núncio e da América, onde se realizam os candomblés e vivem os pais-de-santo. E rendi graças a Deus, porque não há, decerto, em toda a cidade, meio tão interessante” (RIO, 2006, p.20).

A reportagem de João do Rio causa enorme surpresa ao leitor acostumado a identificar nos textos jornalísticos a objetividade referen-

cial. Encontram-se nela algumas passagens extremamente líricas: “Pela praia de Santa Luzia o luar escorria silenciosamente, e de leve o vento, sacudindo as folhas das árvores em melancólico sussurro, entristecia Antônio” (RIO, 2006, p.65).

Valendo-se da visão de Walter Benjamin em relação ao ato de narrar³, João do Rio faz da sua reportagem uma experiência de vida. Vive três meses entre os feiticeiros dos candomblés - “Vivi três meses no meio dos feiticeiros, cuja vida se finge desconhecer, mas que se conhece na alucinação de uma dor ou da ambição [...]” (RIO, 2006, p.50) - para poder registrar com propriedade todos os detalhes de sua prática. Afastando-se da postura de um narrador imparcial, que não participa dos fatos a serem relatados, o narrador-repórter João do Rio vivencia ele próprio tais fatos. Algumas vezes veste a pele de um frequentador de terreiro para registrar sua experiência.

Utilizando-se de uma narrativa híbrida (lirismo da literatura e relato das experiências do Candomblé), João do Rio também faz uma crítica aos cultos do Candomblé, no que se refere ao recebimento de espíritos. Nesse ponto do texto, mostra que o recebimento por alguns dos presentes da cerimônia faz parte de uma encenação teatral e finaliza com essa crítica contundente: “O culto precisa de mentiras e de dinheiro. Todos os cultos mentem e absorvem dinheiro. Os que nos desvendaram os segredos e a maquinação morreram. Os africanos também matam” (RIO, 2006, p. 76).

O leitor abandona o texto de João do Rio com a sensação de ter transitado por gêneros textuais diversos. Crônica, reportagem e conto parecem figurar em um texto que adquire sobretudo, importância antropológica: a penetração das práticas religiosas africanas no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX.

AS REPORTAGENS-ROMANCES DE TOM WOLFE

Tom Wolfe foi um dos precursores de um movimento de jornalistas surgido nos Estados Unidos, no início da década de 60, que tinha como princípio fundamental o registro da realidade de uma forma mais subjetiva, assim como se faz na literatura. Naquela época, foi adotada como prática concreta “escrever jornalismo de modo que pudesse ser lido como um romance” (WOLFE *apud* RESENDE, 2002, p.28). Estava criado o movimento que procurou apagar as fronteiras entre jornalismo e literatura e que foi denominado de Novo Jornalismo (*New Journalism*).

Recusando o caráter centralizador das matérias jornalísticas, Wolfe tenta imprimir em seu texto uma pluralidade discursiva. Se no jornalismo tradicional existe uma voz pretensamente objetiva a relatar os fatos, no texto de Wolfe a voz será dada a vários atores. No trecho em questão, encontramos a voz das detentas reproduzidas literalmente e a voz do narrador, que provoca o personagem Harry utilizando-se de elementos que podem ser puramente ficcionais. A descrição do garoto Harry é verdadeira? A leitura do *Manchester Guardian* foi mesmo feita por ele? A resposta precisa a essas perguntas parece não importar, pois o que se deseja é um texto híbrido em que fato e ficção possam se imbricar.

É importante ressaltar também a mudança do papel do leitor em textos como o de Wolfe. Diferentemente dos textos jornalísticos tradicionais em que o jornalista procurava facilitar a vida do leitor apresentando-lhe a pirâmide invertida, os textos de Wolfe exigem mais esforço do leitor que, caso seja perspicaz, irá perceber tratar-se de um texto de maior complexidade de construção, mais criativo e com preocupação não só de informar, mas de ser também um objeto estético.

CONCLUSÃO

Os exemplos mostrados neste texto comprovam que a aproximação do jornalismo à literatura traz um grande benefício ao primeiro. A utilização da pirâmide invertida traz como consequência a produção de textos repetitivos e monótonos. Os recursos empregados pela literatura, como o fluxo de consciência, a pluralidade de pontos de vista, a linguagem incomum, a subjetividade podem arejar um texto que tem como função principal a informação.

Mas poucos são os exemplos atuais desse tipo de produção na imprensa brasileira. Joaquim Ferreira dos Santos, no posfácio do livro *Radical Chique*, de Tom Wolfe, desabafa:

A reportagem especial está fora de moda no Brasil. Não adianta procurar nos jornais ou nas revistas semanais. Não *las hay*. Como se fosse um bambolê, uma anágua ou um emplastro Sabiá. Já era. *Démodée*. Esse tipo de reportagem ao sabor de Tom Wolfe, com o repórter em campo, participando da cena, ouvindo seus participantes, gastando alguns dias de investigação para ter o controle absoluto do assunto e depois contá-lo no capricho, investindo na subjetividade e na inteligência sutil...
1. Ih, meu filho, isso não vende jornal.

2. Ih, meu amigo, o leitor não tem mais tempo para ler isso tudo.
3. Ih, isso é coisa de intelectual, agora o leitor quer tudo mastigadinho, em tópicos, assim, 1,2,3 (SANTOS, 2005, p.243).

Talvez Joaquim Ferreira dos Santos tenha sido catastrófico demais em sua análise. Embora em número restrito, hoje encontramos produções que investem em reportagens que *podem ser lidas como um romance*. As revistas *Carta Capital* e *Piauí* podem ser citadas como exemplo. Junto com essas revistas, aparece um leitor que recusa a facilidade de um texto “em tópicos”. Resta saber se tais produções continuarão a ter espaço frente à grande produção de matérias curtas “ao estilo *USA Today*” (SANTOS, 2005, p. 243) exigidas pelas grandes empresas jornalísticas. Ao leitor que vê com admiração o relacionamento entre o jornalismo e a literatura, só resta torcer por uma união eterna.

NOTAS

- ¹ Pirâmide invertida é uma técnica de texto jornalístico ensinada nos cursos mais tradicionais de jornalismo. Segundo tal técnica, “nas matérias informativas, o primeiro parágrafo deve fornecer a maior parte das respostas às seis perguntas básicas: *o que, quem, quando, onde, como e por quê*. As que não puderem ser esclarecidas nesse parágrafo deverão figurar, no máximo, no segundo, para que, dessa rápida leitura, já se possa ter uma idéia sumária do que aconteceu” (MARTINS, 1997, p.17).
- ² Essas reportagens foram publicadas pela editora Companhia das Letras, sob o título *Diário de uma expedição*.
- ³ Para Benjamin, o ato de narrar está ligado à experiência. Narramos o que vivenciamos. Cf. *O narrado*. In: BENJAMIN (1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: Moderna, 1997.
- RESENDE, Fernando. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- REVISTA PIAUÍ, nº 4, jan. 2007
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *As religiões do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Abaixo o jornalismo bege. In: WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.